



O BANCÁRIO

O único jornal diário dos movimentos sociais no país

Edição Diária 7605 | Salvador, segunda-feira, 14.01.2019

Presidente Augusto Vasconcelos



BRASIL

Governo sanfona e anti-trabalhador

Em menos de 15 dias de governo, muito descontentamento, asneira, recuos e desqualificação dos que têm a responsabilidade de governar. É um vai e vem permanente. O presidente diz uma coisa e depois volta atrás. Nos ministérios, ninguém se entende. A única unidade que se nota é a firme disposição de acabar com os direitos trabalhistas que ainda restam, cortar políticas públicas, perseguir os movimentos sociais e restringir as liberdades políticas. Página 4

No aniversário da Caixa, o presente é do mercado

Página 2



Caixa, aniversário sob ameaça

Venda de braços do banco só atende empresas privadas

RENATA ANDRADE
imprensa@bancariosbahia.org.br

A CAIXA completou 158 anos no sábado sob forte ameaça. A equipe econômica do governo

Bolsonaro deixa claro que vai fiação o banco, vendendo participações nas áreas de seguros, cartões, assets e loterias.

O momento, portanto, deve ser de resistência dos empregados e da sociedade pela manutenção do caráter 100% público. A intenção do governo é diminuir a atuação das instituições em setores como habitação,

FGTS, saneamento básico, cultura e esporte.

A luta por direitos dos trabalhadores sempre foi forte na Caixa. A história comprova. A empresa recebeu a poupança de escravos, protegeu a economia das crises e centralizou as contas do FGTS, hoje na mira dos bancos privados. Inclusive, a instituição financeira se

tornou parceiro estratégico do Estado na execução de políticas públicas que melhoraram a vida da população.

Ao longo dos 158 anos, os empregados também se mostraram fundamentais para o desenvolvimento do banco e por isso merecem respeito. O trabalho contribui para o lucro sempre crescente.

Dizer que banco é devedor é maldoso e mentiroso

O PRESIDENTE da Caixa, Pedro Guimarães, tenta desgastar a imagem da estatal a todo custo. Afirmarções como “o banco tem de sanar uma dívida de R\$ 40 bilhões com o Tesouro” é absurda. No ápice da crise financeira mundial, a Caixa ajudou a segurar o país, aquecendo a economia para que os brasileiros não sentissem um forte impacto.

Por ser um banco 100% do Estado, não deve nada ao Tesouro. Um trabalha a serviço do

outro e o lucro deve ser para a sociedade brasileira. Tem mais, a instituição desenvolve grandes projetos e programas para a população, fundamentais para o desenvolvimento e o combate as desigualdades sociais.

Se for calcular, tem muito mais recurso da Caixa no Tesouro do que ao contrário. Portanto, afirmar que o banco está devendo é malicioso e a tentativa de construir a imagem de uma empresa ineficiente atende ao capital privado.



Funcionários da BV Financeira aprovam acordo referente ao PPPR. Validade é de um ano

Acordo na BV Financeira

EM ASSEMBLEIA entre o Sindicato dos Bancários da Bahia e os empregados da BV Financeira, foi aprovado o acordo Coletivo de Trabalho referente ao PPPR (Programa Próprio de Participação nos Resultados) do Banco Votorantim Financeira.

Os funcionários estiveram reunidos com o Sindicato na sede da BV Financeira, na Avenida Estados Unidos, nº 397, Comércio, onde discutiram e aprovaram o acordo. O documento aprovado tem vigência de um ano.

Ingressos para o Verão Luiz Caldas

ANTES do Carnaval, todos os dias shows e ensaios agitam Salvador e, para não deixar o bancário de fora, o Sindicato fechou parceria com o pai da *axé music*, para o projeto Verão Luiz Caldas.

O evento acontece em 24 de janeiro, às 20h, na área verde do Armazém Hall, em Lauro de Freitas. Os bancários associados podem concorrer a quatro pares de ingressos.

Para participar, basta baixar o aplicativo Bancários Bahia, clicar na aba promoções e preencher o formulário. O sorteio será no dia 21 de janeiro.

Com um vasto repertório,

Luiz Caldas leva para o público clássicos que o consagraram como pai da *axé music* e também canções inéditas.



Luiz Caldas comanda projeto Verão



Duplicação de estrada, túnel, iluminação. Tudo com recursos da Caixa



A violência tende a aumentar com mais armas

Posse de arma é um grande risco

O GOVERNO promete para os próximos dias publicar o decreto flexibilizando a posse de arma para os municípios com taxas de homicídios superiores a 10 para cada 100 mil habitantes. Das 5.570 cidades brasileiras, 3.179 estão acima da linha de corte.

A medida pode aumentar a violência. A população carente é a mais vulnerável. O texto ainda destaca que os interessados poderão ter até duas armas em casa.

Atualmente, o Brasil lidera a lista de mortes anuais por armas de fogo, segundo levantamento da revista científica JAMA. Os dados mais recentes, referentes ao ano de 2016, apontam 43.200 mortes, 94% foram homicídios. Dessas, apenas quatro foram de forma não intencional, com disparos acidentais ou erros de funcionamento. Outros 2% foram suicídios.

Sindicato discute cenário nacional

EM POUCOS dias de governo, foram anunciadas medidas que prejudicam a sociedade. Fim da Justiça do Trabalho, desmonte dos bancos públicos e reforma da Previdência foram destaque no comentário do presidente do Sindicato da Bahia, Augusto Vasconcelos, que foi ao ar sábado, na rádio Metrô FM.

Bolsonaro anunciou a possibilidade de extinguir a Justiça do Trabalho. Na prática, o discurso demonstra alinhamento com os interesses de setores empresariais. O desmonte das subsidiárias dos bancos públicos também preocupa. Vasconcelos afirma que a venda de braços das empresas não faz sentido, pois o lucro obtido ajuda o Tesouro. “É injustificável o desmonte das instituições para atender ao interesse de bancos privados”. Sobre a reforma da Previdência, destacou os prejuízos da criação de um novo regime de capitalização.

Bancos públicos no olho do furacão

Medidas anunciadas pelo governo só atendem os interesses do grande capital

ROSE LIMA
imprensa@bancariosbahia.org.br

O PODER econômico está de olho no patrimônio nacional. Para isso, conta com a ajuda do governo. Nos bancos públicos, os presidentes anunciam medidas que comprometem as empresas. É o caso da venda de ativos no BB e das operações de cartões, seguros, asset e loterias na Caixa.

As iniciativas, na verdade, fatiam as instituições. É a venda de braços importantes para o capital privado. Um caminho sem

volta, que compromete os projetos e programas desenvolvidos pelos bancos públicos, a exemplo do financiamento habitacional e da agricultura familiar, responsável por levar comida para a mesa de milhões de brasileiros.

O desmonte dos bancos públicos e uma possível privatização deixa o Brasil de mãos atadas, impossibilitado de enfrentar uma eventual crise econômica. Manter as empresas do setor longe do capital privado é tão importante que depois da recente crise mundial, diversos países europeus reestabeleceram os bancos.

Vale destacar que pesquisa do Datafolha divulgada na semana passada mostra que 60% dos brasileiros são contra as privatizações. Uma dica para o governo.



Presidente do BB destila preconceito

NO GOVERNO Bolsonaro é assim. Cada mergulho é um *flash*. Todos os dias, os brasileiros são surpreendidos com uma série de ações e declarações absurdas, geralmente carregadas de ódio. A mais recente, pelo menos até o fechamento desta edição, vem do presidente do Banco do Brasil.

Nas redes sociais, Rubem Novaes colecionava postagens machistas e preconceituosas. Em uma das publicações, usava uma montagem para ofender a ex-presidente da República, Dilma Rousseff, e a ex-presidente da Petrobras, Graça Foster. Na legenda, destila o preconceito: “o uso da burca no Brasil deveria ser obrigatório, isso não é uma equipe de governo, é um trem fantasma”.

Em outra, associa a mulher apenas as atividades domésticas e continua com pia-



das com o mote “loira burra”. Um completo desrespeito. Depois da chuva de críticas, Rubem Novaes apagou as postagens da conta do Facebook.

O vai e vem do (des)governo

De 10 medidas tomadas, Bolsonaro volta atrás em sete

FABIANA PACHECO
imprensa@bancariosbahia.org.br

A CONFUSÃO toma conta do Palácio do Planalto. De 10 decisões que impõem retrocesso ao país, Bolsonaro voltou atrás em, pelo menos, sete. Isso em menos de 10 dias de mandato. O vai e vem mostra que o governo será complicado. Pior. O presi-



Uma das medidas desastrosas do governo Bolsonaro, previa censura aos livros didáticos destinados aos alunos do 6º ao 9º ano

dente e sua equipe não tem um projeto para o Brasil.



SAQUE

Rogaciano Medeiros

ANTIPOPULAR Bolsonaro se ampara em feudos poderosos e conflitantes. O vice, general Mourão, representa o poder militar, as armas. O ultraliberal Paulo Guedes, ministro da Economia, é o homem dos donos do dinheiro e vai tentar impor o despotismo de mercado. No Ministério da Justiça, Sérgio Moro encarna a burocracia estatal que controla o Judiciário. Corre por fora Tereza Cristina, da Agricultura, bancada pelo agronegócio. O povo, os trabalhadores e a democracia não têm espaço no governo.

CIMI Com o esvaziamento da Funai e a transferência das questões indígenas, principalmente demarcação de terras, para o Ministério da Agricultura, chefiado por Tereza Cristina, executiva do agronegócio, o Conselho Indigenista Missionário ganha importância ainda maior na luta em defesa dos índios. Coordenado pela CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), o Cimi tem sido fundamental para conter a sanha das madeireiras, mineradoras e pecuaristas sobre as terras indígenas.

TIROTEIO Bolsonaro anuncia a liberação de duas armas por pessoa. Resta saber quantas serão liberadas para que grandes empresas agropecuárias, mineradoras e madeireiras constituam exércitos privados para tomar as férteis e ricas terras de índios, quilombolas e outros povos tradicionais. Afinal, a verdadeira intenção é justamente ajudar na maximização dos lucros das elites através da bala. Como sempre foi. Agora vai piorar, claro.

BELIGERÂNCIA As decisões da OEA e da União Européia de rejeitar a reeleição de Maduro e exigir uma nova eleição, assim como as radicalizações do Peru e da Argentina contra a Venezuela, acirram as tensões no subcontinente. O governo venezuelano acusa os Estados Unidos de estarem por trás de tudo, inclusive na armação de um golpe de Estado, usando aliados na região, incluindo o Brasil. A chapa está esquentando.

AVISO O recado está dado. O vice-chanceler russo, Sergei Ryabkov, disse que uma tentativa dos Estados Unidos e aliados de tramarem um golpe militar na Venezuela terá resultados "catastróficos". Um aviso claro ao governo Bolsonaro, visto internacionalmente como teleguiado incondicional de Trump, para não entrar nessa briga.

As medidas envolveram muita polêmica e a maioria causava sérios danos à nação, como a proibição de livros didáticos destinados aos alunos do 6º ao 9º ano (antigo fundamental) tratarem de temas como violência contra a mulher e a promoção da cultura quilombola, indígena e de outros povos. Uma censura ao conhecimento. O governo só voltou atrás depois das críticas generalizadas.

Outra área de desentendimento constante entre Bolsonaro e sua equipe é a economia. Nem bem assumiu, o presidente anunciou o aumento da alíquota do IOF (Imposto sobre Operações Financeiras). Para controlar a insatisfação, horas depois, o ministro da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, desmentiu.

Onyx está envolvido ainda no caso das demissões de funcionários de carreira só por terem posicionamento diferente do governo. A medida causou um estrago na Casa Civil e o ministro teve de recontratar os servidores.

A reforma agrária também está na lista das confusões e cinco dias depois de paralisar a política em todo o país, o Incra voltou atrás. Teve ainda a ideia desastrosa de instalar uma base militar norte-americana no Brasil que só não seguiu adiante porque pegou muito mal entre os militares.

Outro recuo ocorreu na Caixa. Depois da repercussão negativa sobre o aumento dos juros imobiliários para a classe média, o presidente do banco, Pedro Guimarães, desistiu da ideia. Para finalizar as idas e vindas, tem a queda do chefe da Apex, Alex Carreiro.

Não é só o vai e vem do governo que estremece Brasília. Outros problemas são gerados pela ânsia por cargos e altos salários, como o caso da promoção do filho do General Mourão no BB. Antônio Hamilton Rossell Mourão pulou três níveis hierárquicos no banco e viu o salário triplicar, pulando de R\$ 12 mil para R\$ 36,3 mil. Puxado.



Governo tenta parar reforma agrária, mesmo com tanta terra improdutiva